



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

SUSANE MARIA DA SILVA FERNANDES

“JÁ NÃO QUER SER O OUTRO, HOJE ELA É UM TAMBÉM”: a influência das redes
sociais sobre as mulheres que desafiam a imposição do papel de gênero

Icó – CE

2024

SUSANE MARIA DA SILVA FERNANDES

“JÁ NÃO QUER SER O OUTRO, HOJE ELA É UM TAMBÉM”: a influência das redes sociais sobre as mulheres que desafiam a imposição do papel de gênero

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Prof.^a M.^a Meury Gardênia Lima de Araújo.

SUSANE MARIA DA SILVA FERNANDES

“JÁ NÃO QUER SER O OUTRO, HOJE ELA É UM TAMBÉM”: a influência das redes sociais sobre as mulheres que desafiam a imposição do papel de gênero

Artigo científico aprovado em 26/11/2024, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª M.ª Meury Gardênia Lima de Araújo
Orientadora



Prof.ª M.ª Isabela Bezerra Ribeiro
Avaliadora



Prof.ª Esp. Samara Rocha Magalhães Diógenes
Avaliadora

Icó – CE

2024

“JÁ NÃO QUER SER O OUTRO, HOJE ELA É UM TAMBÉM”: a influência das redes sociais sobre as mulheres que desafiam a imposição do papel de gênero

Susane Maria da Silva Fernandes

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo analisar as interações de comentários em publicações de perfis feministas no *Instagram*, identificando temáticas voltadas ao gênero e empoderamento feminino. Por meio disso, buscou-se compreender melhor as narrativas construídas de forma *online* e como isso reflete nas interações dos usuários da plataforma. A pesquisa configurou-se como qualitativa exploratória de caráter documental, a partir da coleta de dados na rede social *Instagram*, com a identificação de postagens engajadas em perfis feministas, sendo coletados manualmente os comentários das respectivas postagens que contivessem uma quantidade acima de 25 palavras. Após a coleta, os dados foram tratados e analisados pelo Iramuteq para auxiliar na elaboração das categorias temáticas a serem analisados pelo método de Análise de Conteúdo elaborada por Laurence Bardin. Com os resultados obtidos na pesquisa, compreendeu-se a importância do uso de redes sociais como o *Instagram* no debate de pautas voltadas para as mulheres, criando um espaço de liberdade de expressão, opiniões, vivências e empoderamento, aproximando pessoas com situações similares de vidas, contribuindo para o desmantelamento de estereótipos como passividade e submissão feminina.

Palavras-chave: Mulher; Feminismo; Instagram; Gênero.

ABSTRACT

This study aims to analyze comment interactions on posts from feminist profiles on Instagram, identifying themes related to gender and female empowerment. Through this, it seeks to better understand the narratives constructed online and how they are reflected in user interactions on the platform. The research was configured as exploratory qualitative research of a documentary nature, based on data collection on the social network Instagram, with the identification of engaged posts on feminist profiles. Comments with more than 25 words were manually collected from the respective posts. After collection, the data were processed and analyzed using Iramuteq to assist in developing the thematic categories to be analyzed through Laurence Bardin's Content Analysis method. The research results underscored the importance of using social media platforms like Instagram in discussing women-centered issues, creating a space for freedom of expression, opinions, experiences, and empowerment. This space brings together individuals with similar life situations, contributing to the dismantling of stereotypes such as female passivity and submission.

Keywords: Woman; Feminism; Instagram; Gender.

1 INTRODUÇÃO

O sistema patriarcal que tem como base o poder centrado no homem, mais especificamente no poder do pai, restando às mulheres o lugar de inferioridade, estando subordinadas à dominação masculina, afetou não somente as mulheres, mas, mesmo que de maneira inferior, os homens também. Dentro de um sistema que define aspectos de gêneros, fica claro que cada indivíduo nega uma parte de si mesmo em detrimento da aceitação dentro dos papéis sociais, ao se dizer ativo ou passivo, agressivo ou submisso, a autonomia de ser quem realmente é, é posta de lado (Stearns, 2017).

Esse mesmo sistema que surgiu a partir de um modo econômico de sobrevivência, foi responsável por definir o modo de vida durante séculos, fomentando cada vez mais as diferenças entre os gêneros, sendo importante considerar que cada sociedade possuía características patriarcais diferentes, tais padrões sociais não se aplicavam de maneira universal. O que se reproduziam eram diferenças culturais e institucionais que traziam diferentes ideias sobre o homem e a mulher, sobretudo, acerca de seus papéis, tudo isso com uma grande contribuição do cristianismo que estabeleceu um forte poder após sua expansão, principalmente a partir do século XV (Stearns, 2017; Lins, 2007).

A constituição de gênero como uma instituição social está atrelada à desigualdade, onde são diferenciadas as atribuições de direitos e responsabilidades do indivíduo, por isso, não importa se homens e mulheres fazem a mesma coisa, a instituição social insiste na diferenciação entre eles. Os arranjos sociais de gênero apoiam-se na religião e na cultura, além de ter um modo de sustentação na invisibilidade da reprodução dessas dinâmicas, onde o sujeito, naturalmente, atua, age, reage e pensa de acordo com o que é esperado dele. Similarmente, espera-se da mulher que ela seja uma mãe, um objeto desejável, uma trabalhadora, entre outras demandas que contribuem para moldar a mulher na atual sociedade (Lorber, 1994).

É necessário compreender o que aprisiona o sujeito dentro desses papéis específicos e limitadores, como no caso da desvalorização das mulheres em detrimento da dominação dos homens, processo esse que não se dá pela anatomia, fisiologia ou procriação, mas sim pela incorporação de processos identificáveis à estrutura social e às identidades individuais de forma intencional. Por isso, o propósito do gênero como instituição social visa a manutenção da mulher como subordinada ao homem, garantindo o funcionamento do sistema pela repressão feminina dos espaços, essa manutenção também cabe ao homem por permitir continuar nesse lugar de privilégios na sociedade, conservando esse sistema que os fixam nessa posição de superioridade (Lorber, 1994).

Por meio da literatura, a mulher encontrou um meio de se expressar e compartilhar com o mundo suas fantasias, vivências, opiniões e muitas outras histórias ao longo dos últimos séculos (Kehl, 2008 [1998]). Na música a mulher também se encontrou e permitiu se expressar, levando em suas letras e performances um pouco de si, muitas figuras femininas se tornaram fenômenos e impactaram a cultura e as normas culturais da época (Jorge, 2022). Atualmente, as redes sociais desempenham um papel muito expressivo na possibilidade de compartilhamento de ideias, vivências e manifestações; as mulheres também chegaram e se inseriram nesse espaço, de forma que muitas se tornaram influenciadoras e criadoras de conteúdo para o site *Instagram*, que atualmente permite não só o compartilhamento de postagens como também diversas outras ferramentas (Barbala, 2023). A frase presente na página inicial do site *Instagram* (2024) é: “dê às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo”, transmitindo bem a ideia da plataforma.

O surgimento dos chamados *sites* de redes sociais na *internet* possibilitou uma ampliação das comunicações, interações e compartilhamento de notícias ao longo dos últimos anos. Esses sites possibilitam que os indivíduos possam construir um perfil, seja público ou privado, que possui características identitárias, que formem conexões e possam visualizar e navegar por elas, principalmente devido a circulação rápida de conteúdo. Esses perfis são percebidos como atores sociais, que podem ser indivíduos, instituições e grupos, os quais estão inseridos em grupos sociais constituídos a partir de suas relações de forma *online*, no qual eles são produtos e produtores de interações (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011).

Dessa forma, o objetivo desse estudo é investigar como os comentários no *Instagram* refletem a interação e a percepção do público em relação a perfis sobre gênero e empoderamento feminino, identificando os principais temas abordados e como eles refletem questões de apoio ou discriminação. De modo mais específico, buscou-se compreender a construção histórica do papel de gênero feminino e seu entrelaçamento com a teoria psicanalítica, identificar os principais temas abordados pelos usuários do *Instagram* nos comentários de perfis voltados para pautas feministas e analisar como a utilização do *Instagram* influencia no empoderamento de mulheres, possibilitando a expressão e inquietude diante da imposição do papel social da mulher.

Com o crescente uso do *Instagram* como rede de compartilhamento de imagens e vídeos, a plataforma tornou-se também um espaço para compartilhar sobre a vida pessoal, opiniões e levantar pautas sociais, tornando-se uma ferramenta de manifestação pública. Com base nisso, a problemática desta pesquisa delinea-se com ponto de partida a seguinte investigação: como os comentários no *Instagram* refletem a interação e a percepção do público

em relação a páginas sobre gênero e empoderamento feminino, abordando temas como apoio ou discriminação?

Portanto, o estudo buscou contribuir de forma teórica para o conhecimento existente sobre estudos do gênero feminino e contemporaneidade, possibilitando a discussão da utilização das redes sociais como meio de expressão, tornando possível entender também as dinâmicas sociais, culturais e políticas que afetam as variadas posições da mulher, inclusive no mundo do trabalho. Dessa forma, o estudo pode auxiliar a mulher a repensar-se e ter consciência de seus papéis sociais, sem estar presa a ideais preconcebidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 “O ENSEJO A FEZ TÃO PRENDADA, ELA FOI EDUCADA PRA CUIDAR E SERVIR”¹: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PAPEL DE GÊNERO FEMININO

Partindo do conhecimento histórico sobre os surgimentos das civilizações ocidentais, esteve presente desde então formas de desigualdades entre homens e mulheres, com os homens exercendo um domínio, o que veio a ser conhecido como sistema patriarcal. O desenvolvimento dessas civilizações potencializou tais desigualdades entre gêneros, assim como a determinação de papéis e atributos para cada sexo. As questões de gênero estavam imbricadas aos aspectos de cada civilização, tais como sua estrutura cultural e institucional, de forma que a economia da época, tendo foco na agricultura, favoreceu a presença do homem nos campos de produção, enquanto à mulher, eram designadas as atividades domésticas e de criação dos filhos (Stearns, 2017).

No Ocidente, no período antes da era comum (a.e.c) e durante os primeiros séculos da era comum (e.c), a cultura e religião tinham fortes impactos na vida dos sujeitos, dessa forma, o enaltecimento de deusas e mitos que estavam relacionados a fecundidade, promoviam uma definição de papéis aos sujeitos da época, além de que nos mitos da criação do mundo, reforça esse poder do pai, não apenas como criador do filho, mas também criador da mulher, fortalecendo os ideais das sociedades patriarcais (Stearns, 2017; Lins, 2007).

De forma cultural, os sistemas patriarcais promoviam ideias relacionadas a fragilidade das mulheres, assim como sua inferioridade em relação aos homens. Ao atribuir-lhes deveres

¹ O presente trabalho possui trechos da música “Desconstruindo Amélia” composta por Pitty e Martin, e interpretada pela cantora Pitty. A letra da música foi retirada do site letras.mus.br.

domésticos, privavam-lhe de direitos e do espaço público, o que as impediam de possuírem propriedades, dessa forma, filhas eram indesejadas, chegando a serem vítimas de infanticídio, havendo preferências por filhos, pois estes teriam direitos de herdar e possui propriedades, assim como participarem ativamente da sociedade. O sistema patriarcal criou uma divisão entre superior/inferior ou dominador/dominado, tendo contribuído com impactos nos papéis sociais e nas maneiras de construir a vida pessoal, influenciando também as instituições, os valores e as questões culturais (Stearns, 2017; Lins, 2007).

Somando os estereótipos atribuídos até então pelo modelo de vida de determinadas sociedades, onde a mulher ocupava esse lugar de cuidar do ambiente familiar e o homem era responsável pela produção e sustento, também é importante salientar o impacto das ideias do século XIX no mundo Ocidental. Nesse período, explanou-se a visão de incapacidade intelectual da mulher, onde a mesma não era capaz de usar a racionalidade tal qual o homem. O discurso naturalista defendia a existência de duas espécies distintas em qualidades e aptidões, promovendo a ideia de que o homem detinha a capacidade intelectual, a razão lúcida, enquanto à mulher apenas cabia o lado sentimental, a sensibilidade e a obrigação de cuidar do lar, fomentando o ideal de esposa, mãe e dona de casa. Era bastante reforçada a diferença sexual quanto as funções e papéis atribuídos a cada um, suas tarefas, seus espaços e seu lugar no mundo eram praticamente predeterminados, a própria religião cristã, por meio do culto a “virgem Maria” se constituiu como um dispositivo de controle do corpo feminino (Lunz, 2018; Perrot, 1988; Lins, 2007).

Muitas experiências do mundo foram negadas às mulheres, podendo citar a proibição de manipulação das ervas, chás, etc., que negou a mulher qualquer lugar de poder e conhecimento, visto que tal prática se equiparava a bruxaria na Idade Média. Até o século XIX eram negados os direitos de ler e escrever, estando atadas as atividades domésticas, de criação e cuidados dos filhos e dos maridos. Se mantinham ainda as ideias de utilidade feminina para procriação e asseguramento da linhagem da família. Pouco a pouco, as mulheres foram se interessando e tendo sua curiosidade despertada para a literatura e as diversas aventuras no mundo dos livros. A alfabetização das mulheres foi uma ferramenta que deu poder de voz e lugar, permitindo modelar o imaginário feminino e que tivessem consciência de si mesmas, não se resignando e construindo sua própria visão de mundo. Essas mudanças possibilitaram um importante passo rumo a direitos de expressão feminina por meio da literatura (Lins, 2007; Kehl, 2008 [1998]; Perrot, 1988).

2.2 “NEM SERVA, NEM OBJETO”: UM OLHAR SOBRE O FEMININO ALÉM DA PASSIVIDADE

2.2.1 A Mulher e o Feminino

Um dos movimentos que possibilitou uma abertura cada vez maior para a luta de direitos das mulheres foi o movimento feminista. Este que ganhou força após a década de 1960, tinha como pauta a contestação do papel feminino perpetuado até então, as mulheres que participavam dessa militância afirmavam que não havia nada que impusesse à mulher esse papel de apenas cuidadora do lar. Todo o percurso histórico contribuiu para alocar a mulher nessa posição de inferioridade em relação ao homem, a genética nada tinha a ver com isso, mas, sim, a construção cultural provinda de um sistema patriarcal que impelia as mulheres a um lugar de servidão ao homem e à sociedade no papel de reprodutoras, o que as impediu de se descobrirem e se desenvolverem, reconhecendo suas potencialidades e competências em todos os âmbitos sociais (Barbosa, 2012).

O feminismo é composto por uma pluralidade de significados e objetivos, por isso, não houve apenas um momento da história onde as mulheres atuaram na luta por direitos, mas é possível citar pelo menos três momentos da história em que os movimentos feministas se fizeram atuantes. A primeira fase tem como marco o surgimento do movimento feminista, datado do início do século XX, onde as mulheres lutavam pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos. A segunda fase ocorre após a década de 1960, onde ganha força na França com a influência marcante de Beauvoir e seu livro *O segundo sexo*, onde as mulheres francesas buscavam a valorização das diferenças entre homens e mulheres, incitando as especificidades femininas que tanto eram negligenciadas; já migrando para fora da França, ganhando espaço nas Américas, o movimento feminista nos Estados Unidos marcava uma denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade de gênero. Na década de 1980, o movimento feminista inicia uma fase mais subjetiva e singular das experiências, realçando as diferenças, as diversidades, dando espaço também para o discurso das relações de gênero, de forma a pensar na igualdade e na diferença das subjetividades, assim como surgimento do feminismo negro, que traz grandes questões sobre o feminino e a mulher negra em seu papel social (Freitag, 2015).

Um importante acréscimo que o movimento feminista possibilitou, foi o de abrir espaço para pesquisas de mulheres que buscavam atribuir um novo olhar para a mulher na sociedade. Para isso, mostrar o poder que as mulheres possuíam, tentando superar os discursos vigentes

que as colocavam em uma posição de oprimida, dominada pela figura do homem, destacando seus papéis de presença e atividade, diante de situações que exigiam essa plenitude de poderes. À essas mulheres que cabiam a “potência civilizadora” de educar uma criança, formando novos indivíduos que iriam participar da sociedade, a elas estava atribuído o papel crucial de formação do sujeito, assim como as implicações indiretas na sociedade (Perrot, 1988).

Como consequências do movimento feminista, é fortalecido o debate sobre igualdade social, econômica e política. Estando relacionado à conscientização por parte das mulheres sobre a discriminação de gênero vivenciada por elas para combater e lutar por seus direitos, necessitou inicialmente reconhecer e identificar a existência dessa discriminação, passando a inquietar-se e alimentando o desejo de mudança. Para dar espaço a essa mudança, um fator se mostra necessário, o empoderamento é uma forma de superar as desigualdades de gênero, por meio do qual seja possível desafiar o sistema patriarcal, assim como os papéis impostos de dominação masculina e de manutenção de seus privilégios de gênero. Essa luta por igualdade de gênero é um processo lento e desafiador, mesmo diante de tantas conquistas femininas, muitas mudanças de práticas se mostram necessárias em vários âmbitos sociais, pois estão atrelados à valores, crenças e práticas de uma sociedade (Melo, 2012).

2.2.2 A Psicanálise e a Mulher

Desde seu surgimento, a psicanálise se debruça sobre o tema do feminino em busca de uma compreensão desse significante. Freud procura resolver essa questão, inicialmente, pelo viés anatômico, porém isso não é suficiente. É ao explorar o desenvolvimento psicosssexual que Freud desenvolve uma das bases importantes da teoria, pois o mesmo afirma que meninos e meninas seguem um mesmo caminho, até que em determinado momento elas possam se tornar *também mulheres* (grifo nosso), devido ao processo do complexo de Édipo como definição deste destino. Para o criador da psicanálise, o termo “feminino” teria similaridade com passividade; singularidades biológicas devido a produção de óvulos; e também questões sociológicas advindas dos comportamentos dos indivíduos (Poli, 2007).

Além disso, compreender como um papel social, e como um significante no qual o indivíduo se identifica, estando atrelados à significados que atribuem o ser homem e ser mulher, a maneira de ser portar, de ser vestir, de agir e até de pensar e desejar. É uma forma de ser para o Outro, ser aquele gênero que o sujeito apreendeu, aprendeu e se alienou de forma a ser homem ou mulher, e não que apenas foi nomeado ao nascer, mesmo que esse sujeito já esteja

determinado a questões que lhe são impostas e outras que lhe são proibidas pela definição de gênero na maternidade (Quinet, 2020).

Simone de Beauvoir (2009 [1949], p. 75) coloca essa relação entre a constituição da mulher com a visão psicanalítica, na qual defende que se é uma mulher se este sujeito se sente dessa maneira, não estando definida a partir de um viés biológico, mas sim pela sua afetividade com este. Enquanto afirma que Freud não se debruçou tanto sobre o feminino em sua teoria, corrobora com a ideia de que ele apenas modificou os conceitos femininos a partir da posição masculina, colocando também a sexualidade como algo do masculino, estando a libido atrelada a essa ordem, enquanto que a libido feminina seria um desvio da libido humana em geral. A autora afirma também que é pela relação com o mundo que o sujeito se define, entretanto, para a psicanálise, a identificação com a figura materna ou paterna gera essa alienação do sujeito, o que para a autora é um “fingir ser”, preferindo a imagem do outro do que a de si própria, contribuindo ainda que “ser mulher seria ser o objeto, o Outro”.

Quando se pensa na construção da figura feminina ao longo da história, percebe-se que existe uma relação com os preceitos psicanalíticos que constituíram a teoria em seu início. Quando Freud relaciona o feminino com a passividade e o masculino com a atividade, assim como outras questões advindas do complexo de Édipo, é possível se perguntar o quanto dessas características sociais e culturais influenciaram a teoria. Ao definir a feminilidade a partir da inveja do pênis, Freud coloca a mulher como sendo objeto do homem, e que o pênis representa um símbolo de poder, além de culminar no desejo da maternidade. Assim, é compreensível que a teoria freudiana, especificamente o complexo de Édipo, é percebido como consequência de um sistema baseado nos ideais patriarcais, não só a teoria em si, como também a maneira que os sujeitos introjetam essas relações de poder referentes ao contexto histórico da época (Rocha, 2022; Martins e Moreira, 2020).

Mesmo que a teoria possa ter sido fundamentada utilizando os conceitos e a percepção dos papéis sociais da época, é importante destacar que vários nomes importantes que vieram após Freud complementaram e apresentaram uma nova forma de entender as posições feminina e masculina de uma outra perspectiva. Sendo importante salientar também nomes femininos que contribuíram no desenvolvimento da teoria como a Anna Freud, a Melanie Klein, a Élisabeth Roudinesco, a Arminda Aberastury de Pichón Rivière e, atualmente, o movimento psicanalítico que tem mulheres em suas lideranças e influências como a Maria Rita Kehl, a Ana Suy, a Regina Navarro Lins, Maria Homem, entre outras.

Considerando o que Lins (2007) afirma sobre a mulher feminina ser uma mulher estereotipada, impossibilitando que a mesma tenha sua autonomia, pois isso implica em ser

você mesma, sem negar aspectos de sua personalidade como forma de se subordinar as expectativas sociais, e como nossa cultura é patriarcal, a mulher feminina renuncia características de si mesma, como maneira de corresponder o que se espera dela. O que leva a expressão lacaniana “não há A mulher”, no qual a mulher se encontra para além da captura da linguagem, podendo complementar ainda que “[..] a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso” (Schermann, 2003, p. 164).

Sobre isso, Soler (2003, p. 16) complementa que se A Mulher “não existe”, “isso não impede que a condição feminina exista”. Nesse sentido, consiste em dizer que a mulher não existe em uma totalidade, não há uma única representação que defina de uma vez por todas essa mulher, sendo possível fazer uma reflexão sobre as várias mulheres e suas possibilidades de reinvenção de forma continuada do feminino (Jorge, 2022).

2.3 “JÁ NÃO QUER SER O OUTRO, HOJE ELA É UM TAMBÉM”: A MULHER OCUPANDO LUGAR DE SUJEITO NO MUNDO

2.3.1 A Mulher na Literatura

Para sair da invisibilidade, muitas formas de expressão foram utilizadas, a literatura, a música e, mais recentemente, os sites de redes sociais, deram luz à imagem da mulher pela sua própria perspectiva. Quando Simone de Beauvoir (2009 [1949]) afirma que ao se livrar de um código estabelecido, o sujeito se torna um revoltado, representa muito a visão que a sociedade atribuiu às mulheres que não se submetiam plenamente ao que lhe eram impostos. A resistência encontrada por escritoras, cantoras e várias outras que usavam a arte como meio de expressão, foram criticadas, negadas e apagadas por muitos, porém essas últimas superavam por meio da expressão artística, o que ao invés de afligir e prejudicar sua feminilidade, a fortalecia. Por meio da literatura e da arte, foi encontrada uma maneira de si colocar naquilo que produziam e criavam; mesmo sobre temas gerais, algo de si ainda estará presente, ainda que estando a margem da sociedade em detrimento do homem em cada época da história.

Na literatura, muitos nomes femininos surgiram após a conquista, não sem muito esforço, desse espaço, muitas mulheres que tiveram seus nomes apagados da história foram responsáveis por ir aos poucos conquistando o mundo das letras. No século XIX, Mary Ann Evans utilizava o pseudônimo de George Eliot para escrever e publicar seus livros, outras escritoras como Jane Austen, as irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë, Mary Shelley foram muito importantes para a literatura e são até hoje conhecidas e tem alguns de seus livros como

clássicos da literatura (Kehl, 2008 [1998]). No Brasil no mesmo século, temos Nísia Floresta como um importante nome e com obras que inauguraram ideias para a sociedade da época, assim como outras como Rachel de Queiroz, Cora Coralina, Lygia Fagundes Telles, Carolina Maria de Jesus, entre tantas outras que vieram depois.

Desde então, se tornou possível encontrar um número muito maior de mulheres adentrando o espaço da literatura, não só como leitoras, mas como as próprias autoras de suas narrativas, fantasias, ficção e qualquer outra história que a mulher desejasse expressar. Porém, muito ainda teve que ser percorrido para haver o mínimo de aceitação e consideração dessas obras e de tantas outras formas de expressão feminina. Quando Virginia Wolf (2014 [1929]) afirma que uma das maiores libertações possíveis é a liberdade de pensar, compreende-se o quanto algo simples e de direito humano é capaz de gerar mudanças no sujeito, incluindo o direito de compartilhar seu pensamento para o mundo.

A escrita pode ter uma relação estrita com a voz e com esse poder de expressão obtido pelas mulheres, permitindo, por exemplo, que Clarice Lispector (1998 [1973], p. 12) compartilhasse com seus leitores seus sentimentos, pensamentos, histórias, ao colocar um pouco de si em seus personagens, inclusive quando diz que escreve “por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar”. O que também é descrito pela escritora Annie Ernaux (2023, p. 43), a qual expressa a liberdade que a escrita a proporciona, permitindo expor suas emoções secretas. A autora que abriu mão da ficção para uma escrita mais pessoal, afirma que para si, “antes de escrever não existe nada além de um material informe, lembranças, visões, sentimentos”.

Apesar de tudo, as mulheres são ainda pressionadas direta e indiretamente pela sociedade a serem algo que muitas não desejam, ou que estejam em um nível muito alto em tudo que se propõem a fazer, essa cobrança é sentida por muitas e de muitas formas. Algumas encontram nos livros o direito de continuar expressando e criticando o neopatriarcado, tão presente e potente no século XXI, como quando Levy (2023, p. 19) fala sobre a exigência impostas de as mulheres serem “passivas, porém ambiciosas, maternais, porém sexualmente ativas, abnegadas, porém realizadas”, papéis que a sociedade cobra das mulheres, não tanto quanto cobra dos homens. Ainda segundo as palavras da autora, ser essa mulher moderna é ser colocada em uma posição constante de culpa, em relação a tudo, mesmo que não se saiba o que está sendo feito de errado.

2.3.2 A Mulher na Música

O ser humano como indivíduo social e político está entrelaçados aos diversos elementos da cultura da região da qual faz parte, assim como escritores, artistas e criadores das inúmeras expressões humanas, a música pode ser citada como um dos elementos artísticos, tendo a composição e a performance como maneira de possibilitar a expressão do sujeito. Por meio da música, é possível ainda a leitura crítica das composições, percebendo que a música não é apenas um material mercadológico de consumo, mas um meio que permite a expressão e apreensão de sentimentos e emoções, assim como a percepção da realidade e expressão histórica e/ou subjetiva daquele que a compõe (Neto, Franco e Silva, 2022).

Considerando o meio artístico como uma possibilidade que se expandiu no século XX, principalmente considerando a luta feminista e os direitos conquistados pelas mulheres durante esse período, surge grandes e marcantes nomes na música como Nina Simone, Whitney Houston, Janis Joplin, Aretha Franklin, Madonna, etc., e representando o Brasil estão Elza Soares, Gal Costa, Elis Regina, Rita Lee, entre tantas outras que marcaram a história da música, abordando muitas questões pessoais e culturais em suas músicas e apresentações, além de muitas artistas contemporâneas que aproveitam a visibilidade da sociedade atual e continuam levantando questões sociais e sobre a imposição de um papel de gênero feminino, seja na música ou nos sites de redes sociais.

Antes de ingressar na carreira solo, a cantora Rita Lee participou da banda de rock *Os Mutantes*, o que já era algo grandioso para uma mulher, visto que o rock era um mundo masculino, assim como tantos outros espaços. Entretanto, em determinado ponto da carreira os demais integrantes a expulsaram, situação na qual a artista escreve em sua autobiografia que ao invés de se “atirar de joelhos chorando” e pedir “perdão por ter nascido mulher”, se portou de forma silenciosa ao se retirar. A cantora ainda criou outras bandas para se apresentar, porém não deixou de ser vítima dos preconceitos enraizados onde ouvia “que para fazer rock *precisava ter culhão*” (grifo da autora); segundo Rita Lee, ela queria provar antes de tudo, a si mesma, “que rock também se fazia com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê” (Lee, 2016, p. 113, 127).

A artista ainda cita que escutava opiniões sobre suas vestimentas, sobre o que deveria falar, o que deveria cantar, a maneira como deveria se comportar, entre tantas outras imposições nas quais tentavam lhe encaixar. Muitos críticos de música direcionavam seus olhares para Rita Lee, independente do que a cantora fizesse ou deixava de fazer no cenário musical, a mesma afirma em seu livro autobiográfico que “até hoje é quase impossível encontrar matérias falando bem de um trabalho” feito por ela, o que associa principalmente ao fato de ser uma mulher mundo do rock. Tais questões não pararam a Rita Lee, que continuou não só cantando, mas

também compondo canções sobre sua vida íntima, críticas sociais e sobre *amor e sexo* (grifo nosso) (Lee, 2016, p. 203).

Outro nome carregado de potência no meio musical é o da cantora Madonna, a qual lançou-se no meio artístico enfrentando preconceito, estereótipos e passou por muitas dificuldades até o estrelato. Em suas músicas e performances são abordadas questões pessoais, provocantes e de empoderamento de mulheres e da população LGBTQIAP+², da qual sempre foi uma defensora. A criação artística expressa por Madonna, seja pelas composições, interpretações ou performances, ou todos esses elementos juntos, podem ser vistos por Jorge (2022) como a presença do feminino, significando a pluralidade de mulheres que a artista consegue representar, sendo constantemente reinventada em seu processo criativo de arte, assim como reinventa o feminino. A cantora faz do palco um espaço de expressão performática que politiza, polemiza e leva a novas formas de questionamentos e pensamentos para aqueles que escutam e veem seu *show*.

São essas formas de expressão por meio do contexto cultural e histórico que influenciam, empoderam e problematizam questões sociais, os que algumas artistas fazem quando colocam a realidade em sua arte é gerar esse movimento. Sobre seu trabalho, Madonna afirma que “o objetivo é nunca ter vergonha: de quem você é, do próprio corpo, do próprio físico, dos seus desejos, das suas fantasias sexuais”, é o que foi feito pela artista ao longo de sua carreira ao cantar sobre a liberdade sexual da mulher, superando preconceitos e abrindo espaço para debate sobre questões tidas como tabu na sociedade, colocando a mulher em destaque como ser desejante, (Jorge, 2022). Essas representações potentes de mulheres que não se intimidaram diante de um sistema que sempre buscou colocar a figura feminina à margem da sociedade, podando suas formas de expressão e seus direitos enquanto sujeitos sociais, deu espaço para que muitas outras artistas continuassem se expressando, como a Beyoncé (2011) fez em uma performance sobre o empoderamento feminino, em que diz que “eu sou uma mulher, e quando penso, devo falar”.

Retornando ao cenário musical brasileiro, a artista Pitty propõe reflexões feministas e um olhar crítico aos sistemas opressivos da sociedade em inúmeras de suas canções. Inspirando essa pesquisa, sua música *Desconstruindo Amélia* (2009) busca trazer uma perspectiva crítica às expectativas sociais do ideal de mulher, problematizando a submissão, padrões de comportamentos e os afazeres domésticos, incitando o dismantelamento desses costumes

² Sigla que substitui as GLS e LGB, que surgiram em meados da década de 80, e é utilizada atualmente para representar diferentes identidades de gênero e orientações sexuais e, de forma mais abrangente, possibilita acolher uma quantidade maior de pessoas. Fonte: <https://beecorp.com.br>.

(Macedo e Laranjeira, 2019). A música em questão faz referência a canção *Ai, que saudades da Amélia* (1942), na qual descrevia Amélia como uma “mulher de verdade”, caracterizando-a com uma mulher de posição passiva. O termo ganhou tanto destaque que se tornou sinônimo de mulher passiva e serviçal no dicionário de língua portuguesa³.

2.3.3 A Mulher no *Instagram*

A rede social *Instagram* foi criada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, com o intuito de simplificar e aprimorar o compartilhamento das vidas das pessoas de forma *online*. Com base em dados de 2023, o *Instagram* possui um total de 2 bilhões de usuários ativos, sendo considerada a terceira rede social mais utilizada no Brasil, com 113,5 milhões de usuários. O que começou como uma rede social de compartilhamento de imagens, teve seus conteúdos ampliados para vídeos, produtos e diversas formas de interação entre usuários. Tudo isso resultou na plataforma que hoje é conhecida pela criação de conteúdos pelos influenciadores e páginas de informação por meio de compartilhamento de imagens e vídeos postados definitivamente ou temporários (Redação InvestNews, 2024; Rodrigues, 2024; Dourado, 2024).

Compreendendo que o *Instagram* é a terceira rede social mais acessada no Brasil, se torna pertinente considerar as questões sobre como esse site de rede social permite criar um espaço de troca entre usuários, possibilitando que muito encontrem um lugar de fala sobre suas particularidades e vivências, influenciando e sendo influenciados, assim como, produzindo e sendo produtos de interações, no *Instagram* isso pode se dar de muitas formas, como por meio de curtidas e comentários (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011).

Dessa maneira, a rede social permite, por meio de seus elementos, reestruturar um novo panorama sociocultural, permitindo a aproximação dos indivíduos com interesses em comum, ou tendo acesso a temas além da ideologia pessoal; permitindo também dar início a manifestações e pressões populares, assim como a conscientização e colaboração com a luta de causas sociais. As pautas sobre a mulher na sociedade ganharam visibilidade e reconhecimento no *Instagram* por quem apoia as causas. O movimento feminista teve um ganho devido ao amplo uso das redes sociais, pois permitiu uma nova fase para potencializar as lutas sociais, no qual as ativistas usam esse meio para falar sobre pautas feministas. Após percorrerem um longo caminho em busca do direito de expressão e reconhecimento de sua fala, as mulheres possuem

³ Dicionário de língua portuguesa disponível na área de busca do Google, fornecida pela editora Oxford Languages.

hoje um espaço de maior acesso e alcance pelas pessoas, no qual podem se expressar e buscar uma maior visibilidade no espaço público (Viana, Lima e Soares, 2023).

Com a expansão das ferramentas do *Instagram* e do espaço de fala criado na plataforma, surgiram o que são comumente chamados de *digital influencer*, que são personalidades que influenciam seus seguidores por meio de suas postagens. A mulher nesse lugar de influência, encontra uma possibilidade de se mostrar e ser vista que nunca antes havia existido. Essas mulheres podem inspirar outras, transmitir ideias, opiniões, experiências, histórias de vida e tantas outras questões que constituem a existência humana, se tornando influenciadoras e sendo influenciadas por outras por meio da rede social (Cursino e Santos, 2023).

Utilizando os recursos do site *Instagram*, as influenciadoras permitem que os seguidores acompanhem o dia a dia e as manifestações sobre as pautas do momento. Também é possível transmitir o imaginário de proximidade, o qual permite ver a criadora de conteúdo como alguém que é amiga, inspiradora e/ou até uma líder de algo, facilitando ainda mais a transmissão de ideias e a reconstrução de conceitos socioculturais existentes, por meio da posição contrária a imposição de determinados papéis sociais (Richter e Ye, 2024).

Portanto, as mulheres que falam sobre pautas feministas ampliam seu espaço de fala, se tornando influenciadoras de opinião sobre o tema. Mas é necessário ressaltar que existe uma diferença de como há uma interação diferente em perfis de influenciadores de raças diferentes, na qual a mulher branca apresenta privilégios, considerando também que a sociedade também se baseia em um ideal normativo de beleza, tornando alguns perfis mais engajados em relação a outros (Barbala, 2023).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, a qual tem como característica o estudo da relação dinâmica entre o mundo real, sensível e cultural, e o sujeito; dessa forma, essa interação não é passível de uma quantificação numérica devido seu caráter indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade. Além de permitir o processo de compreender características situacionais, possibilita ainda atuar com os significados, crenças, valores e atitudes de um grupo (Prodanov e Freitas, 2013; Marconi e Lakatos, 2022).

A problemática foi constituída de forma dinâmica devido a imersão da pesquisadora no contexto de vida social e cultural, e de questões relevantes que envolvem a população e a fonte

dos dados da pesquisa. Para isso, buscou-se uma compreensão do significado social que a população pesquisada concede aos fatos e problemas experienciados, considerando que a abordagem qualitativa possibilita resultados flexíveis e reflexivos, de forma que aceite bem as questões sociais em que a população está inserida (Marconi e Lakatos, 2022; Prodanov e Freitas, 2013).

Sendo assim, a pesquisa tem seu objetivo de cunho exploratório, no qual pretendeu-se estudar um assunto ainda pouco explorado, onde buscou possibilitar uma compreensão geral a respeito dele, visto que esse método de pesquisa também permite uma maior familiaridade com o problema. Seu intuito de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias tem relação com a formulação da problemática e sua interação com a população em um meio social e cultural, por isso, essa pesquisa se torna útil devido seu caráter flexível, considerando diversos aspectos que estão relacionados ao que foi pesquisado (Lozada e Nunes, 2018; Gil, 2017).

Além disso, a pesquisa apresenta caráter documental, a qual baseia-se em materiais que não foram submetidos a tratamentos analíticos prévios, onde os materiais eletrônicos são, hoje, considerados fontes de pesquisa disponíveis em diversos formatos, sendo possível que àqueles que estavam dispersos, podem ser identificados, organizados e avaliados com a finalidade de conferir uma fonte de consulta (Prodanov e Freitas, 2013).

Para a construção da fundamentação teórica foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de aprofundar e tratar de assuntos pertinentes ao tema, e para também auxiliar na interpretação dos dados que serão coletados ao longo da pesquisa. Para isso, um apanhado bibliográfico foi realizado na literatura com materiais publicados entre os anos de 1929 e 2023, assim como uma pesquisa de artigos em português e inglês e uma dissertação de mestrado publicados entre os anos de 2018 e 2024 no Portal Periódico CAPES, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e *Google Acadêmico*.

3.2 CONTEXTO, POPULAÇÃO E AMOSTRA DA PESQUISA

O ambiente escolhido para a coleta de dados foi a rede social *Instagram*, por meio de comentários publicados pelos usuários da plataforma. No ambiente *online*, os sites de redes sociais ganharam espaço por sua capacidade de conectar pessoas que compartilham interesses em comum. Alguns elementos presentes nas plataformas redes sociais, como o *Instagram*, é a criação de um perfil de usuário, possibilidade de conexão e interação entre os perfis, por meio de comentários, curtidas, compartilhamentos, e a visualização das postagens (Rodrigues, 2024).

A pesquisa busca entender como as pessoas interagem sobre temas relacionado à mulher na sociedade atual, dessa forma, por meio do uso do site de rede social *Instagram* buscou-se perfis que tratassem de temas referente a mulher na atualidade. A busca dos perfis foi realizada pela própria ferramenta “Procura”⁴ do *Instagram*, a partir dos descritores “mulher”, “feminista”, “feminismo”, também foram encontrados outros perfis semelhantes indicados pela própria rede social através ferramenta “Sugestões para você”⁵, sendo possível encontrar páginas além das mostradas na busca padrão.

Um total de 30 perfis foram encontrados e, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados os perfis *@movimentocorpolivre*, *@feminismoeducativo*, *@feminista.uma* e *@somosmulherespossiveis*.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Foram considerados como critérios de inclusão que os perfis do *Instagram* tivessem o perfil público, que houvesse alguma postagem em sua página, que a publicação com mais comentários tivesse ao menos 25 comentários com mais de 25 palavras, e que a postagem houvesse sido publicada pelo próprio perfil, ao invés de apenas marcações por perfis de terceiros.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Definiu-se como critérios para exclusão páginas que tinham menos de 50 mil seguidores, que tivessem finalidade apenas de conteúdo de humor, assim como páginas voltadas a negócios como vendas de cursos e outros materiais, e cuja publicação com mais comentários tivesse propagandas eleitorais.

3.3 PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS

Para realizar a coleta de dados, utilizou-se o site *Not Just Analytics: Advanced Instagram Stats and Follower Analyzer*⁶, o qual possibilita acessar diversas informações sobre métricas de

⁴ A ferramenta ajuda encontrar contas e tópicos de interesse pesquisados por palavras específicas.

⁵ A ferramenta sugere perfis com base na similaridade deste com o perfil que foi encontrado.

⁶ Disponível em notjustanalytics.com.

engajamento e desempenho dos perfis e postagens, sendo possível identificar as publicações que possuíam o maior número de comentários dos perfis selecionados para a pesquisa.

Com a identificação das postagens mais engajadas de cada um dos perfis selecionados, foram coletados manualmente os 25 primeiros comentários das postagens que houvessem mais de 25 palavras, os quais foram determinados a partir da própria ferramenta do Word de contagem de palavras. Todos os dados coletados foram anonimizados para proteger a privacidade dos usuários, assegurando que informações pessoais não sejam divulgadas ou utilizadas de forma inadequada. O processo da coleta de dados ocorreu no mês de agosto de 2024, utilizando-se computador e as ferramentas supracitadas.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Para analisar os dados coletados, utilizou-se o Iramuteq, que é um software de análise textual desenvolvido para pesquisadores das áreas de ciências humanas e sociais (Iramutec, 2024). A partir da natureza do estudo e dos dados coletados, ocorreu o preparo do material textual para a análise no *software*, incluindo a organização dos comentários em um documento de texto no programa OpenOffice em formato de texto codificado (.txt), compatível com o Iramuteq, o qual permite várias abordagens analíticas, facilitando a exploração de grandes volumes de dados textuais.

A partir disso, com base na Análise de Conteúdo, foi possível realizar a categorização por temas frequentes dentro do texto, facilitando a interpretação dos dados qualitativos. Sendo assim, no tratamento dos dados, se tornou possível identificar o que as mulheres estavam falando sobre determinadas temáticas. Destacou-se, então, a análise dessas expressões de pensamentos e ideias, buscando obter conhecimentos sobre a produção e recepção do material de texto compartilhado nos comentários das publicações (Marconi e Lakatos, 2022).

A análise de conteúdo conceitua-se como um conjunto de técnicas para analisar as comunicações de fontes como, por exemplo, o texto escrito, que possa trazer informações sobre o comportamento humano e que, por sua vez, depende da interpretação feita do material, assim como o objetivo que se tem com o mesmo. Além disso, existe uma importância na análise de conteúdo de plataformas de redes sociais, pois nesse espaço se forma grupos sociais de forma sistemática como uma rede, onde se constrói uma estrutura de complexas relações entre outros sujeitos (Bardin, 2016; Fragoso, Recuero e Amaral, 2011).

Sendo assim, se tornou pertinente um recorte dos dados disponíveis nos sites de redes sociais, levando em consideração que a forma que o recorte foi feito e que a análise dos dados

fosse válida para os objetivos propostos. Portanto, compreender a maneira como os indivíduos se conectam e como estabelecem conexões por meio das redes sociais se tornou de grande valor para o estudo. Assim, foi realizada uma coleta de dados do *Instagram* de modo qualitativo, ou seja, analisando as informações textuais dos comentários de postagens, de forma que houvesse um maior *insight* na percepção dos usuários e suas relações, resguardando então a subjetividade deles (Recuero, 2017).

3.4.1 Aspectos Éticos

Com o alto número de informações e dados sendo publicados nas redes sociais, criou-se uma lei para regulamentar os dados nas redes sociais. A Lei em questão é a Nº 13.709 de 2018, que cria a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), a qual “dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado”. Dentre os fundamentos dispostos pela lei, se encontram alguns como “o respeito à privacidade” e “a liberdade de expressão, de informação, de comunicação e de opinião” (Brasil, 2018).

Para que a coleta de dados fosse realizada de forma ética e dentro do regulamento da Lei Nº 13.709 (Brasil, 2018), o tratamento dos dados pessoais se baseou no desenvolvimento de estudos por órgão de pesquisa garantindo o anonimato dos dados pessoais dos usuários que interagiram nas publicações para evitar qualquer possibilidade de reconhecimento e potencial prejuízo pela pesquisa; para além disso, como dispõe a lei, o tratamento de dados pessoais de acesso público, considerou a finalidade e o interesse que justificam sua disponibilização, assim como dispensou o consentimento para o uso dos dados manifestados publicamente pelo titular.

3.5 PROCEDIMENTOS

Segundo o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), as etapas realizadas consistiram em pré-análise, exploração do material, tratamento e a interpretação dos resultados. A pré-análise consistiu em um processo de organização, com o objetivo de tornar operacional e sistematizar as ideias iniciais. A escolha do material foi um ponto da pré-análise que possibilitou entender o universo da pesquisa, assim como o problema acerca deste, onde, com a demarcação do universo a ser estudado, constituiu-se um *corpus*, que diz respeito ao conjunto de material que foi submetido a análise.

“homem”, “pergunta”, “pessoa”, “ver”, “falar”, “vida”, “gente”. Com base nisso, realizou-se a categorização dos dados com intuito de reunir os materiais e preparar para a interpretação e discussão dos resultados. As categorias foram definidas como: Categoria 1 – Sociedade; Categoria 2 – Atividade; e Categoria 3 – Expressão.

Dessa forma, a identificação das categorias possibilitou a organização do material por meio do tratamento, permitindo fomentar a discussão de acordo com os objetivos apresentados nessa pesquisa. No Quadro 1 é possível observar a interpretação dos dados coletados a partir das estatísticas geradas pelo Iramuteq, o qual considera as palavras em sua forma ativa, como também em formas associadas.

Quadro 1 – Categorização do Material

Categorias	Temáticas
Sociedade	Imposição de padrões sociais; diferenças entre gêneros.
Atividade	Possibilidade de a mulher ser e fazer o que quiser.
Expressão	Compartilhamento de vivências e opiniões sobre a mulher.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Para a construção das categorias, foram consideradas o número de ocorrência das palavras identificadas pelo Iramuteq, de forma que ao analisar a Concordância estatística das palavras com maior frequência, fosse possível entender o contexto da ocorrência das mesmas, para melhor realizar o agrupamento do material.

Sendo assim, a categoria 1 é constituída pelo material textual relacionado às pessoas, gêneros, coletividade e demais temáticas relativas à sociedade e seus integrantes. Na categoria 2 é possível destacar como atividade o contexto do material que se relaciona com desejos, ações, necessidades e aspectos relacionados. Por fim, na categoria 3 foram identificadas palavras que direcionavam a um contexto de expressão, seja de opiniões, críticas, experiências de vida, desabafo e demais manifestações.

Com base nos resultados, no tratamento e categorização dos mesmos, foi possível construir uma interpretação e discussão dos materiais, a partir da fundamentação apresentada nessa pesquisa, sendo relevante realizar uma análise crítica dos mesmos.

4.2 DISCUSSÕES

O uso das redes sociais favoreceu o amplo discurso das pautas feministas, nas quais as mulheres conseguem ser vistas, se expressar livremente e, para além disso, mobilizar outras mulheres com seus discursos e pontos de vista sobre determinados assuntos (Viana, Lima e Soares, 2023). Diante disso e considerando o objetivo da pesquisa, serão discutidos os resultados dessa pesquisa, considerando a fundamentação teórica e o embasamento crítico da pesquisadora.

4.2.1 Categoria 1 – Sociedade

Nesse primeiro tópico, será discutida questões relacionadas a sociedade e aqueles que a constituem, levando em consideração a diferenciação de gêneros, os indivíduos e a coletividade que fomentam a cultura e os estereótipos presentes na sociedade. A partir dos comentários coletados, percebeu-se que os discursos estavam voltados, em sua maioria, para julgar a forma que a sociedade vê as mulheres e até mesmo como elas se veem.

Referente aos padrões de beleza atuais, em um comentário coletado do Anexo II, uma usuária afirma que “*Para satisfazer os Desejos da pessoas, só uma Modelo criada por IA ... as pessoas querem ver mentiras*”, confrontando a maneira que o corpo das mulheres é julgado nas redes sociais. Outras usuárias acrescentam que

Eu mesma evito postar foto. Quando eu posto, eu me arrumo, passo batom, fico bonita. Posto a foto e quando alguém, normalmente homem, me vê na rua fala "nossa vc ta diferente da internet" e detalhe, não é em encontro nem nada. São pessoas do bairro que encontro aleatoriamente, pessoas que deveriam guardad a língua dentro da boca. "Vc está mais gordInha né? Seu cabelo ta assim, ta assado, ta isso ta aquilo". É cansativo, pq me desanima até sair de casa (Anexo II).

Muito difícil ser mulher, nem uma mulher padrão consegue fugir desses comentários maldosos! Algo q serve para tudo, não podemos ter orgulho dos nossos corpos ou de quem somos... infelizmente, nossa existência sempre ofenderá alguém que não tem amor no coração! Ser mulher é ser resistência (Anexo II).

O pior que essa é a verdade , o mundo se comporta exatamente assim , e principalmente com mulheres . Passou dos 30 não tem mais valor pra sociedade . E a gente tem que se provar todos os dias que podemos, que somos e que estamos (Anexo II).

É nítido o quanto essa cobrança de um padrão de beleza na sociedade atual afeta as mulheres, onde se busca alcançar uma estética irreal. No *Instagram*, é comum a postagem de imagens no *feed* e no *stories*, mas muito se popularizou o uso de alterações de imagens por programas e pelos filtros da própria rede social. Segundo as autoras Montardo e Prodanov (2022), o uso de recursos embelezadores no *Instagram* pode acarretar em prejuízos na autoestima, levando a insatisfação das mulheres com sua própria aparência, no que resulta em

uma procura por procedimentos estéticos e cirurgias. Por isso, alguns comentários criticam essa postura adotada por tantos nas redes sociais e na própria sociedade, onde afirmam que

Eu fico horrorizada porque, se ela que é uma mulher branca, magra, loira, as pessoas já julgam, apontam e massacram na internet, o que nós, mulheres fora do padrão, receberíamos se simplesmente quiséssemos postar uma foto onde nós nos sentimos bem??? Eu tenho medo da internet.. (Anexo II).

Todas as mulheres serão, sempre, atacadas frente a um "padrão" difuso e inalcançável. O nosso SENTIMENTO DE INADEQUAÇÃO é instrumento imprescindível para controle e subalternização das mulheres! O que urge é ignorarmos, de verdade, essa violência, para podermos TRANSGREDIR essa lógica! (Anexo II).

Antigamente mulheres como nós, Carol, me colocou assim, pois temos a mesma idade, as pessoas acham que teríamos que nos vestir, de forma sexagenária, ficar orando num terço, cuidando dos netinhos, cuidando de plantinhas. Não admitem que possamos usar biquíni, mini saia, shorts com regata, usar maquiagem colorida, temos que envelhecer na visão deles e do modo deles, mas pra decepção deles, somos jovens a muito mais tempo que eles e já passamos por vários estilos de moda, portanto já escolhemos nosso estilo várias vezes. E eles não sabem que o que usam foi a nossa geração que inventou, eles tudo que fazem ou usam, foram nossa geração que usou ou inventou (Anexo II).

Mesmo diante de críticas aos corpos, estilo, comportamento, roupas, entre outros aspectos, muitas usuárias se sentem à vontade para defender a originalidade de ser quem querem ser e de também defender outras mulheres que são julgadas por esses motivos. O que corrobora com a ideia da proximidade que as redes sociais promovem, mesmo que haja espaço para comentários negativos, muitas mulheres se fortalecem e ajudam outras a se fortalecerem diante do julgamento social. Mas as redes sociais também dão espaço para que outras mulheres sejam críticas e perpetuem um ideal de gênero com base em questões conservadoras e de submissão feminina, como afirma uma usuária ao dizer que

Me entristeço muito quando vejo mulheres ganhando algum espaço, andando contra tantas lutas de outras que vieram antes de nós, ao interpretarem a Bíblia ou a palavra de Deus colocando as mulheres em um estado de perfeição que não existe. Ouvi uma "influenciadora" dizer que a mulher tem que ser magra, gentil, e obediente para atender aos requisitos dos maridos e viverem em um lar de paz e concórdia. O que não faz o menor sentido, uma vez que o homem jamais atenderá esses requisitos uma vida inteira (Anexo III).

Sobre essas questões, algumas usuárias criticam a atitude de algumas mulheres, ao apontar que *“outras mulheres falando de mulheres, cobrando uma coisa que está acima de todos! A idade chega pra todos! É assim como chega a idade, também todos tem a liberdade de fazerem o que quiserem, desde que não machuque o próximo!”* (Anexo II), uma outra usuária diz e questiona que *“o pior é saber que isso vem de outras MULHERES ou seja quando vamos realmente ser unidas? Mulher adora ver o defeito da outra e sair falando e por que não vai procurar algo bom e elogiar?”* (Anexo II).

Sendo assim, a imagem feminina é pauta em muitas situações, enquanto a imagem masculina não é tão requisitada por julgamentos. Em relação a isso, em comentários coletados no Anexo III, muitas usuárias afirmam que “[...] a aparência de um homem não é colocada em pauta no episódio de uma série”, diferente do que costumam fazer com as mulheres. Em outro comentário, outra usuária aponta que

Ninguém perguntaria para um homem com um Oscar e uma carreira renomada se ele ficou chateado em questionarem se ele é atraente ou não, mas mulheres realmente são julgadas em seu valor de uma maneira diferente. Gostei como ela defendeu os personagens q ela interpretou e reconheceu como as mulheres são objetificadas, teria sido bom se ela tivesse reconhecido q a beleza dela é questionada quando ela interpreta personagens reais, [...] é misógino pautarem a beleza e é muito óbvio que ela não ter interpretado personagens tão enviesadas pelo male gaze⁷ a deixa numa percepção diferente (Anexo III).

Ao contrário dos comentários de mulheres na postagem, um usuário expõe sua opinião sobre a atriz no vídeo ao dizer que a mesma “*Falou, falou e não disse nada.... Não perguntariam para um homem, pq homem não se importa com isso.... Ela se importa, tanto que dá pra ver que não curtiu!*” (Anexo III). Tornando perceptível o contraste de opiniões sobre a mesma situação, onde a questão não seria o quanto se importa, mas sim porque apenas a imagem feminina é colocada como pauta de beleza. Uma outra usuária levanta um questionamento sobre isso ao se perguntar se já

Pararam pra pensar, quantas mil vezes já devem ter perguntado para ela coisas do tipo, induzindo que ela seja feia? Isso acontece com atrizes brasileiras direto, como Regina Casé e Camila Morgado, ambas, excelentes atrizes. Como será que intimamente elas se sentem quando as pessoas colocam em um programa de televisão esse tipo de questionamento ao invés de questionarem sobre suas carreiras? Se ela tivesse dito que se sente chateada, parariam de fazer esse tipo de comentário? Certamente não (Anexo III).

Outra temática que surgiu nos resultados da pesquisa diz respeito ao papel da mulher no lar, ambiente onde continuam sendo cobradas, onde “*homens sempre sendo reverenciados por fazerem O MÍNIMO, enquanto as mulheres fazem além, até daquilo que suportam física e mentalmente, e são demandadas por mais, afinal, para além da perfeição é o limite a ser atingido por nós*” (Anexo IV). É notável o quanto a mulher precisa de muito para ser reconhecida em qualquer aspecto da sociedade, ao não atingir a perfeição em todas as áreas da vida, são condenadas socialmente. Mas o uso das redes sociais também servem para expor e conscientizar sobre o por tanto tempo romantizaram na figura feminina, um usuário comenta que, sobre a situação do vídeo no Anexo IV, pensou:

⁷ *Male gaze* traduzido para o português significa o olhar masculino. Esse conceito foi criado por Laura Mulvey, feminista crítica de cinema, no qual levantava reflexões sobre a imagem da mulher no cinema pela perspectiva masculina do mundo. Fonte: blogfca.pucminas.br.

“Pô, o cara se tocou que a vida da mulher tá uma bosta e decidiu melhorar.” Eu nem tinha me dado conta que ela não choraria por poder dar um rolezinho se ele simplesmente dividisse as tarefas da casa e do cuidado com os filhos com ela. A gente acha que é desconstruído, mas todo dia é uma martelada diferente!!!!

É importante questionar o quanto ainda é atribuído às mulheres em relação as tarefas domésticas, como expõe uma usuária ao citar o termo de "*mulheres escravas do lar*" (Anexo IV). Corroborando com a ideia de desigualdade nos papéis de gênero no lar, (Mota-Santos, Azevedo e Lima-Souza (2021) salientam que existem diferenças em relação a divisão de tarefas domésticas e também com os cuidados com os filhos, onde tais aspectos estão mais relacionados a imagem feminina, além de que essa desigualdade aumenta ao considerar aspectos de classe e raça. Picanço, Araújo e Covre-Sussai (2021) discorrem sobre as mesmas desigualdades encontradas em sua pesquisa, dando destaque para aspectos como a idade, número de filhos e conjugalidade, se assemelhando a papéis mais tradicionais, com divisão de tarefas domésticas menos igualitárias entre gêneros.

Além disso, sair dessa posição de submissão, de cuidadora e dependente é um desafio para inúmeras mulheres, uma usuária divide sua visão e experiência sobre isso ao afirmar que

A sociedade acha lindo a mulher ser troféu. Passamos a vida nos dedicando a família. Basta acordar e contrariar às expectativas e uma mágica acontece todos viram às costas p nós. Eu acordei depois de quase 30 anos de dedicação. Filhos graduados e pós graduados. Resolvi sair de uma relação tóxica e todos me julgando achando q n estou bem da cabeça e o genitor virou um tadinho e tudo q fiz por ele e a família hj n tem valor nenhum. N se demorem muito p tomar a pose da vida de VCS. Ninguém merece essa dedicação (Anexo IV).

Olhando para esse lugar da mulher de um ponto de vista psicanalítico, Backes (2008) sugere uma distinção em relação à mulher do século XIX e dos “ideais de feminilidade” da época. Na contemporaneidade, pode-se perceber novas formas de reconhecer o falo, como “um lugar social, lugar no discurso social, inscrever alguma coisa ali que represente o sujeito a partir de seu desejo”. A autora também afirma que isso possibilita “produzir uma fala que não seja apenas um espelho, uma repetição do discurso do Outro e que também possa não se dar somente pela via do sintoma e do sofrimento, como o faziam as histéricas ao tempo de Freud” (p. 60). Com base no entendimento da autora, fica evidente que algumas questões atuais podem ser a razão do que movimenta o sujeito em busca do seu desejo, ampliando o desejo da mulher para uma posição diferente daquela estabelecida outrora pelos estudos freudianos.

Portanto, ao longo desta categoria foi possível perceber a visão que a sociedade tem da mulher a partir de diferentes aspectos, considerando as diferenças quanto os comentários em sua maioria, de usuárias e de alguns poucos usuários. Além de ser um espaço para comentários com críticas e opiniões, notou-se um ambiente para compartilhar experiências de vida e, com

isso, incentivar e empoderar outras mulheres, indo contrário as imposições de papéis de gêneros colocados e mantidos pela sociedade.

4.2.2 Categoria 2 – Atividade

Considerando a categoria em questão, a temática será embasada por meio dos discursos dos usuários voltados a ação, movimentação, empoderamento e maneiras de quebrar os padrões femininos socialmente impostos. Com base no material coletado do Anexo I, percebeu-se algumas opiniões sobre questões relacionadas ao movimento feminista, no qual a postagem buscava fomentar um espaço de diálogo sobre a temática, assim, uma usuária sugeriu que

As mulheres não sejam taxadas de odiosas e raivas por priorizarem a si próprias dentro do movimento que possui em sua gênese o objetivo de emancipar mulheres dentro do patriarcado e do capitalismo. E que também não sejamos criminalizadas em todas as esferas e séculos, por nascermos do sexo feminino.

Na mesma publicação, um comentário de uma outra usuária sugeria “*impedir que homens determinem o significado da palavra mulher*”, além de “*desmantelar a ordem de hierarquia entre os sexos*”, pois, segundo outra usuária “*o feminismo é muito mais do que uma luta pela igualdade de gênero*”. Dessa forma, nota-se uma voz ativa de mulheres para expressar que mudanças e quais as perspectivas atuais sobre o movimento feminista, incitando uma quebra de paradigmas socialmente cristalizados. Outro comentário de um perfil diferente complementa a discussão ao dizer que

Não queremos apenas a responsabilização de sites de pornografia, queremos a sua EXTINÇÃO TOTAL. Não apenas dos sites, mas de todas as formas de pornografia. [...] Feminilidade é submissão, dependência e passividade, é com isso que precisamos romper. Além disso queremos a abolição da prostituição. E antes de tudo: Queremos ser reconhecidas como sujeitas humanas e políticas que somos, como seres biopsicossociais, ou seja, mulheres. Queremos o reconhecimento da realidade material de nossa existência na formulação de tais políticas públicas, e não aceitamos auto identificação de gênero. Não aceitamos apagamento linguístico, cultural, político, a redefinição do conceito de mulher, nem a inclusão de homens (independente de como se identificam) em nossos espaços e direitos.

Ao dar espaço para o debate sobre essa temática no *Instagram*, nota-se o quanto o movimento feminista ganhou força com a possibilidade de provocar discussões, empoderar ideias, criticar e sugerir mudanças a partir de um meio virtual, afetando, conseqüentemente, a realidade social. Em sua pesquisa, a autora Coêlho (2021) destaca a produção e o compartilhamento de conhecimentos e de teorias feministas para o público das redes sociais, tudo isso de forma acessível e didática, permitindo não só o acesso às informações, mas a possibilidade de discussão dos usuários pelas interações da plataforma, entretanto, a mesma

propõe que páginas com ideais menos disruptivos e menos ameaçadores as estruturas sociais tenham maior adequação na plataforma.

Tendo em vista a maneira como os usuários, em sua maioria mulheres, interagem com as publicações, demonstra o quanto conseguem se colocar diante dos debates virtuais e, para além da forma que enxergam o feminismo, também buscam emponderar a si mesma e a outras mulheres, como possível identificar nos seguintes comentários de mulheres: “*somos maravilhosas, inclusive diante dos anos*” (Anexo II); “*não precisamos ser padronizadas para sermos perfeitas e muito amadas*” (Anexo III); “*sejam independentes e não espere que homem algum faça nada por vc!*” (Anexo IV). Sendo assim, muitas mulheres utilizam a rede social como meio de incentivar e apoiar outras, fortalecendo a ideia de como as interações sociais no *Instagram* possibilitam a aproximação e união de pessoas com ideais e necessidades em comum.

Com base no entendimento de Viana, Lima e Soares (2023), a rede social *Instagram* permite que os indivíduos possam se informar, interagir e fortalecer a identidade das mulheres por meio das redes sociais feministas. A autora Ferreira (2019) corrobora com essa ideia ao analisar questões voltadas a autoestima e como esta vai além das representações estéticas de beleza influenciadas na rede sociais, o que contribui para uma percepção e valorização de outras qualidades em si mesma.

Ao explorar a temática pela ótica psicanalítica, retomamos a questão proposta por Lacan sobre “o que é ser uma mulher?”, e percebemos nos comentários sugestões sobre que o movimento feminista deveria lutar, de como as mulheres deveriam agir, o que devem ou não aceitar, entre tantas outras questões abordados na rede social. Dessa forma, elas buscam se expressar na construção do que é ser essa mulher, e do quanto o contexto social interfere nessa percepção individual e, conseqüentemente, coletiva, além de utilizarem os instrumentos de expressão de sua época para discutirem sobre. Porém como Lacan aborda, não há essa única mulher, e que sempre permanece uma interrogação sobre seu próprio ser (Backes, 2008).

Em outros comentários da publicação referente ao Anexo IV, muitas mulheres se manifestaram em defesa e empoderamento de outras mulheres, clamando que “*mulheres, acordem! Antes de sermos esposas, mães e donas de casa, NÓS SOMOS MULHERES. Não precisa negligenciar uma coisa pra valorizar outra*”; “*ah, pelo amor, mulheres! Acordem! Isso não é vida! Isso se chama migalha! Vocês podem e merecem muito mais! Se contentar com isso significa perpetuar uma vida emocional miserável!*”.

Na mesma publicação, outras mulheres defendem que “*nós mesmas temos que nos proporcionar momentos de diversão, ir tomar um café com uma amiga, chamar o marido pra*

sair, nada de esperar ninguém tomar uma atitude. Isso não é vida! É uma prisão mesmo"; enquanto uma outra diz que prefere *"morar com o meu pet, sair para jantar com as minhas amigas e dormir sozinha com vários travesseiros de que aceitar esse tipo de migalha"*, porém conclui seu comentário afirmando que *"infelizmente tem algumas mulheres na minha família que são assim"*, admitindo que ainda existem mulheres que tem uma realidade dependente do cônjuge.

Por meio desta categoria, se mostrou perceptível como os comentários demonstram uma conscientização por parte dessas mulheres do que não é mais aceitável alguns comportamentos dentro de uma relação, onde antes a mulher era colocada nesse lugar de invisibilidade, dependência e cuidado, hoje ela pode agir de uma forma mais autônoma e independente, sendo capaz de escolher e decidir onde permanecer, além de conseguir ser mais seletiva em relação ao que aceitar de um parceiro. Sendo possível até a aproximação por meio da rede social, como possível observar no comentário de uma usuária ao dizer à outra mulher que *"queria ser sua amiga, convidar pra sair, tomar cerveja e ajudar, quando pudesse como rede de apoio"* (Anexo IV). Além do influenciar, informar e empoderar, o *Instagram* possibilita esse afeto e simpatia pela situação de outro indivíduo, gerando um espaço de acolhimento, ressignificações e (des)construção de discursos e estruturas sociais.

4.2.3 Categoria 3 – Expressão

Nesse tópico, serão discutidos aspectos relacionados às expressões manifestadas nos comentários das publicações, considerando as opiniões, desabafos, identificação e críticas voltadas ao gênero feminino.

Um aspecto debatido nas redes sociais pelas mulheres, se relacionam com a liberdade sexual, sobre o quanto ainda se deseja obter como conquista nesses aspectos, como observado no seguinte comentário: *"eu acho essencial também sobre a liberdade sexual feminina, permitir que as mulheres não sejam julgadas como "promíscuas" ou "não serve pra relacionamento sério" porque vive um relacionamento casual, pq sai à noite, pq já teve mais de 1 namorado, coisas do tipo"* (Anexo I). Ao abordar essa temática numa rede social, a usuária abre espaço para falar sobre a liberdade sexual da mulher, que ainda é um tabu, mas demonstra segurança ao se expressar por meio do *Instagram*, possibilitando perceber a rede social como uma importante ferramenta de expressão feminina em meio a uma sociedade predominantemente machista.

Oliveira, Rezende e Gonçalves (2018) corroboram sobre a temática ao debater sobre a vida sexual das mulheres, que por muito tempo e em muitas sociedades, baseou-se em padrões morais, éticos, comportamentais, entre outros aspectos, sendo atribuídas às funções de mãe, cuidadoras do lar, e submissas ao homem, considerando também a grande influência da igreja em buscar reprimir os desejos femininos.

Araújo (2004, p. 60) complementa a ideia ao afirmar que a sociedade patriarcal frequentemente buscou reprimir os desejos femininos, o próprio corpo e que seu funcionamento era, de certa forma, desconhecido para as mulheres, que continuavam dependendo do saber e poder masculino; segundo o autor, “a mulher podia ser mãe, irmã, filha, religiosa, mas de modo algum amante”, pois o ato sexual era regrado pela igreja, tanto na performance quanto no objetivo da fecundidade.

Essa ideia de que a mulher não tem a liberdade de ser quem realmente deseja, sem que haja represálias, também se mostra evidente em outros comentários da publicação do Anexo II (2024). Nesta situação, duas mulheres expõem suas opiniões nos seguintes comentários:

Não admitem que possamos usar biquíni, mini saia, shorts com regata, usar maquiagem colorida, temos que envelhecer na visão deles e do modo deles, mas pra decepção deles, somos jovens a muito mais tempo que eles e já passamos por vários estilos de moda, portanto já escolhemos nosso estilo várias vezes (Anexo II).

Se tem 20 anos é imatura, se trinta tá ficando passada, quarenta tá com o pé na cova, cinquenta morreu. Se acima do peso é desleixo, se magra tá com problema psicológico. Se solteira mal amada, se separada incompetente, se casada tá perdendo tempo. Se quer ser mãe irresponsável se não quer ser insensível e egoísta. Tudo ligado ao feminino nunca é suficiente (Anexo II).

Os respectivos comentários denunciam a insuficiência do que é ser mulher na sociedade, onde nada aparenta estar bom, qualquer postura, comportamento, estética, opinião, entre outros aspectos, relacionados a mulher destacam uma falta. Porém não se sabe ao certo que falta seria essa, visto que aos homens não existem tantas cobranças, como destacado por Levy (2023) e citado anteriormente na fundamentação teórica dessa pesquisa. Ademais, uma outra usuária traz uma situação testemunhada no trabalho, retratando a realidade de muitas mulheres e as dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho como a seguinte:

No último emprego q trabalhei teve um processo seletivo, acho q era para recepcionista, a candidata era recém casada. [...] A gata não foi aprovada pois justamente era recém casada "e a candidata iria logo engravidar" palavras q a minha antiga superior q era a Recrutadora ouviu deste diretor q supostamente "gostou" dela. [...] imagina quantos empregos várias mulheres vão perder por causa deste tipo de pensamento? (Anexo I).

O questionamento da usuária nesse comentário é reforçado por pesquisas como as das autoras De Lima *et al* (2021), onde estas pontuam como os estereótipos atrelados à figura

feminina limita a atuação destas no mercado de trabalho, onde o fator da probabilidade de gravidez é um dos motivos de afastamento ou demissão de mulheres, o que é visto como uma desvantagem ou empecilho para a contratação e até mesmo para fixar uma remuneração. No qual o homem ganha vantagem ao se manter como referência para a contratação por empresas.

Além dessa temática, algumas mulheres utilizaram a publicação do Anexo IV para trazer algumas experiências de vida, conselhos e opiniões sobre a romantização do comportamento masculino para com a mulher, onde dizem que *“as mulheres se contentam com tão pouco, a autoestima anda tão baixa, que uma migalhinha dessas já é considerada uma grande atitude por parte da maioria”*. Outra usuária compartilha sobre si mesma ao dizer: *“minha vida era assim e meu ex achava que uma saidinha era suficiente. Aí dizia que eu era ingrata e nada do que ele fazia estava bom. [...]”*. É notável o quanto algumas mulheres já possuem uma perspectiva diferente para o comportamento masculino, até mesmo para se sentirem seguras ao escolher o que devem aceitar ou não em um relacionamento, tudo isso demonstra um grande avanço no poder de expressão conquistado por elas para falarem sobre isso, assim como, poderem decidir sair de espaços onde não se sintam valorizadas.

Em uma clara referência ao termo Amélia, uma outra mulher comenta: *“eu depois que me divorciei não reclamo de mais nada: paz não tem preço. Já fui muito Amélia...paguei minha pena e nunca mais”*. A mesma se refere em como a “Amélia” passou a ser vista pela sociedade como mulher passiva e submissa, com o significado estabelecido pela música de Lago e Alves (1942) já citada nessa pesquisa.

Reforçando essas experiências de vida, onde expressam a autonomia e direito exercidos por meio do divórcio, outra mulher comenta o seguinte:

Eu acordei depois de quase 30 anos de dedicação. Filhos graduados e pós graduados. Resolvi sair de uma relação tóxica e todos me julgando achando q n estou bem da cabeça e o genitor virou um tadinho e tudo q fiz por ele e a família hj n tem valor nenhum. N se demorem muito p tomar a pose da vida de VCS. Ninguém merece essa dedicação (Anexo IV).

Conforme Rosado, Pompermayer e Teixeira (2009) afirmam em sua pesquisa, o fato de a mulher permanecer sob estereótipos como cuidadora do lar e mantenedora dos laços matrimoniais, das desigualdades enfrentadas entre homens e mulheres em relação a vida familiar e de trabalho, além de estar inserida no mercado de trabalho, corroborando para uma dupla/tripla jornada, podem influenciar o nível de insatisfação conjugal, conseqüentemente, levando a causas de divórcio. As mesmas autoras afirmam a importância do empoderamento feminino, ao possibilitar que as mulheres possam desfazer uma relação conjugal que considera insatisfatória, fortalecido pela independência das mulheres em relação aos seus parceiros.

Quando Freud sugere a via da feminilidade, do objeto de desejo do homem, do matrimônio, dos filhos, tudo o que representava o falo para a época do autor, pode gerar um entendimento de que hoje a mulher busca uma negação para esses sintomas. Porém, entendendo a inveja fálica na atualidade sob novas representações, é possível perceber a busca da mulher por autonomia, de se colocar em um lugar de “dar conta de tudo”, contribuindo para uma “posição de excessiva exigência e até de sacrifício”. E, retomando o que é ser uma mulher, o sujeito pode buscar uma narrativa pessoal onde se responsabilize na sua relação com o desejo, para além do casamento e dos filhos, atribuindo diversas outras demandas como versões do falo, significando não uma substituição, mas, sim, uma inclusão excessiva de modalidades destes, a levando a uma quase exaustão (Backes, 2008).

Em contrapartida, um usuário da rede social expõe seu olhar sobre a postagem do Anexo IV ao dizer que: *“as vezes ela (a mulher no vídeo) escolheu não trabalhar e ser sustentada pra ficar em casa, ou as vezes escolheu errado um “companheiro” que em vez de ajudar deixa ela fazendo tudo, as vezes ela chorou pq deve estar passando uma barra, o erro do ser humano é julgar sem saber”*. Nota-se que, independentemente da situação, parte da sociedade, nesse caso podendo ser representada por esse perfil masculino, acusa a mulher como a responsável pela possível consequência de suas escolhas, tirando a responsabilidade do cônjuge e do seu possível mal comportamento como parceiro familiar. Em uma situação como essa, não é o homem que é responsabilizado por não fazer o mínimo, e sim, a mulher que é a culpada de que escolhido *“errado um “companheiro”*”.

Portanto, observou-se ao longo dessa categoria como os discursos podem se apresentar de forma variada para o olhar do papel da mulher na sociedade. Muitas mulheres utilizam o espaço de fala como meio de empoderar outras mulheres a partir de suas próprias vivências, outras compartilham suas percepções como meio de acolhimento e apoio. Porém a rede social também é espaço para responsabilizar ainda mais mulheres por suas escolhas ou para julgamento de suas vivências, demonstrando a coabitação de formas de expressão divergentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal investigar como os comentários no *Instagram* refletem a interação e a percepção do público em relação a perfis sobre gênero e empoderamento feminino, identificando os principais temas abordados e como eles refletem questões de apoio ou discriminação às pautas feministas. Por meio da análise de conteúdo segundo a metodologia de Bardin, foi possível identificar temáticas recorrentes, o que nos

permitiu compreender como os comentários podem ser utilizados como diversas formas de interação pelos usuários da plataforma.

A análise permitiu identificar aspectos relevantes sobre como as pessoas, em sua maioria perfis femininos, utilizam a rede social como meio de expressar suas opiniões, desejos e até compartilhar narrativas pessoais. Percebeu-se uma rede de apoio às temáticas de cada publicação analisada, defesa dos direitos femininos, contribuições possíveis ao movimento, além de criar um espaço de empoderamento de mulheres em situações de exploração e submissão.

Observou-se que a rede social *Instagram* proporciona um espaço de troca muito relevante na sociedade atual, corroborando com a literatura utilizada como embasamento dessa pesquisa, na qual a plataforma se mostra capaz de aproximar usuários diversos em prol de uma temática em comum, criando uma rede de visões que cria uma coletividade a partir da individualidade de cada sujeito. Nesse sentido, a plataforma digital se mostrou capaz de contribuir para o desmantelamento de padrões pré-estabelecidos pela sociedade, podendo gerar impactos na vida pessoal daqueles que consomem os conteúdos publicados.

Outro ponto observado nesse estudo diz respeito aos usuários em si, onde a maioria a interagir nas publicações eram mulheres, tendo um número bastante reduzido de perfis masculinos identificados pela pesquisadora. Isso demonstra o quanto pautas feministas causam interesse, em sua maioria, nas mulheres, seja como meio para fortalecer discursos de outras mulheres, seja como forma de expressar suas experiências pessoais, receber acolhimento ou até mesmo de compreender aspectos que geram a manutenção da posição submissa da mulher na sociedade atual.

Além disso, foi observado como a conquista do divórcio permitiu a liberdade de muitas mulheres que viviam em relacionamentos insatisfatórios, e onde as mesmas expressam por meio da rede social o quão benéfico para si mesmas foram ter essa autonomia, além de empoderar essas ideias em mulheres que possam estar vivendo nas mesmas condições insatisfatórias atualmente. Com isso, percebe-se a importância da luta feminista pela conquista de direitos e como isso influencia na vida de tantas mulheres, que acabam levantando a pauta no dia a dia por meio de interações virtuais.

Com base nisso, é perceptível como o machismo tem uma influência muito grande na sociedade, sendo conservado em diversas estruturas sociais, o desinteresse de grande parte da população por pautas feministas corrobora para isso. A ideia do homem como detentor do poder seja no ambiente familiar, no mercado de trabalho e em outras áreas sociais, leva a estabilidade dessa estrutura desigual de direitos, perpetuada há muitos séculos e sendo atualizada de acordo

com a sociedade, porém o espaço feminino conquistado nos últimos séculos demonstra o potencial feminino e destroça cada vez mais a ideia de fragilidade da mulher.

Esse estudo se mostrou relevante para demonstrar o ganho de liberdade de expressão das mulheres por meio das redes sociais, seja nas próprias publicações de perfis feministas, como também nas interações geradas por meio dos comentários. A contribuição proveniente dessa visão sobre as interações no *Instagram* ofereceu um entendimento mais claro sobre a construção de narrativas *online* sobre o movimento feminista e suas contribuições para a formação de um pensamento coletivo, o que pode ser explorado por futuras pesquisas nessa área. Além de perceber como a psicanálise se mantém atuante nessas demandas contemporâneas, perpassando a teoria em sua criação para uma visão atual dos possíveis sintomas de um contexto histórico e de como estes se manifestam pela perspectiva feminina devido às cobranças que se sobrepõem às mulheres se comparado a como a sociedade cobra dos homens.

O impacto que o acesso às redes sociais proporciona na vida das pessoas é algo a ser explorado mais a fundo, como visto neste estudo, o movimento feminista ganhou muito com esse espaço. Para além de ideias em palavras escritas nas páginas de livros de Simone de Beauvoir, muito mais do que a coragem de Rita Lee ao escolher ser e cantar ela mesma, às outras mulheres que vieram após, que continuam surgindo e impactando o mundo de diversas formas, que a luta, a expressão feminina e os estudos não cessem aqui, mas que sejam inspirações para que muito mais seja feito e explorado visando a conquista de espaço e direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. 7ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 37-65.
- BACKES, C., org. **A clínica psicanalítica na contemporaneidade** / organizado por Carmen Backes; Ana Costa, Carla Cumiotto, Gerson Smiech Pinho... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- BARBALA, A. M. Reassembling #MeToo: Tracing the techno-affective agency of the feminist Instagram influencer. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 0, n. 0, p. 1-16, 2023. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13548565231191261>>. Acesso em: 04 junho 2024.
- BARBOSA, L. Os donos e as donas da cozinha. In: FREITAS, M. E. D.; DANTAS, M. **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. Cap. 7, p. 171-201.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2º. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1949].
- BEYONCÉ. Beyoncé performs 'Run the World (Girls)' at the 2011 Billboard Music Awards. **Youtube**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5EwZ_AzDDM4&t=212s>. Acesso em: 03 junho 2024.
- BRASIL. **LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Brasília: Presidência da República, 2018. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm>. Acesso em: 03 junho 2024.
- COÊLHO, C. D. O. Feminismos no Instagram: uma análise sobre compartilhamento de teoria feminista na rede social. **Periféria, revista de recerca i formació en antropologia**, v. 26, n. 2, p. 152-175, dezembro 2021. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/record/258741>>. Acesso em: 16 outubro 2024.
- CURSINO, A. M. D. C.; SANTOS, C. M. M. Mulheres digital influencer entre a responsabilidade e a formação: uma “revolução” a ser debatida. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 18, n. 1, p. 1-19, setembro 2023. Disponível em: <<https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/3337>>. Acesso em: 04 junho 2024.
- DE LIMA, B. L. S. et al. Mercado de trabalho e gênero: desigualdade e estereótipos. **Ciências Biológicas e da Saúde Unit**, Aracaju, 6, março 2021. 85-94. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/9566>>. Acesso em: 29 outubro 2024.
- DOURADO, B. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. **Resultados Digitais**, 2024. Disponível em:

<<https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 30 abril 2024.

ERNAUX, A. **A escrita como faca e outros textos**. São Paulo: Fósforo, 2023.

FERREIRA, F. M. **Empoderamento feminino no Instagram**: um estudo de caso do perfil da influenciadora digital @mbottan. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. 109 p.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. **Mulheres, linguagem e poder**: estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. Cap. 1, p. 17-74.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6º. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

INSTAGRAM. Sobre o Instagram. **Instagram**, 2024. Disponível em: <<https://about.instagram.com/pt-br/>>. Acesso em: 03 junho 2024.

JORGE, M. A. C. Madonna: Reinvenção do feminino e despertar pela arte. In: QUINET, A. **Hímeros, o brilho do desejo**: arte e psicanálise. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2022. p. 291-301.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008 [1998].

LAGO, M.; ALVES, A. **Ai, que saudade da Amélia**. [S.l.]: [s.n.], 1942.

LEE, R. **Rita Lee**: uma autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

LEVY, D. **Coisas que não quero saber**: uma resposta ao ensaio: "Porque escrevo", de George Orwell. 2º. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Contemporânea, 2023.

LINS, R. N. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 [1973].

LORBER, J. **Paradoxes of gender**. New Haven: Yale University Press, 1994.

LOZADA, G.; NUNES, K. D. S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

LUNZ, L. D. S. Mulher e História: Da invisibilidade à sujeito de análise. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, MS, v. 12, n. 23, p. 49-67, 01 outubro 2018. ISSN 1982-2434. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/7829>>. Acesso em: 07 maio 2024.

MACEDO, M. N.; LARANJEIRA, A. E. S. “Não dou espaço pra macho me definir”: identidades das mulheres nas canções de Pitty. **XV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, v. 1, 2019. Disponível em: <<https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111400.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2024.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 8º. ed. Barueri - SP: Atlas, 2022.

MARTINS, A. D. S.; MOREIRA, L. S. A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-feiras. In: MARTINS, A. A.; SILVEIRA, L. **Freud e o patriarcado**. São Paulo: Hedra, 2020. ISBN 978-85-7715-611-5.

MELO, M. C. D. O. L. Mulheres gerentes entre o empoderamento e o teto de vidro. In: FREITAS, M. E. D.; DANTAS, M. **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. Cap. 12, p. 337-372.

MONTARDO, S. P.; PRODANOV, L. S. Filtros embelezadores no Instagram Stories: pistas iniciais sobre a plataformização da beleza. **Logos**, v. 8, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/60900>>. Acesso em: 12 setembro 2024.

MOTA-SANTOS, C.; AZEVEDO, A. P. D.; LIMA-SOUZA, É. A Mulher em Tripla Jornada: Discussão Sobre a Divisão das Tarefas em Relação ao Companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 103-121, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/ppgadm/article/view/34558>>. Acesso em: 12 setembro 2024.

NETO, E. D. C.; FRANCO, S. A. P.; SILVA, B. L. O trabalho no desenvolvimento do psiquismo humano e a música na expressão da subjetividade. **Revista Educação e Linguagem**, Campo Mourão, v. 11, n. 22, p. 259-277, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeduclings/article/view/5248>>. Acesso em: 02 junho 2024.

OLIVEIRA, E. L. D.; REZENDE, J. M.; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, v. 26, n. 1, p. 303-314, jul-dez 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>>. Acesso em: 19 set. 2024.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PICANÇO, F.; ARAÚJO, C. M. D. O.; COVRE-SUSSAI, M. Papéis de gênero e divisão das tarefas domésticas segundo gênero e cor no Brasil: outros olhares sobre as desigualdades. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 38, p. 1-31, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/7v3spxmtb7z7qfxfk6hntsm/?lang=pt&fbclid=IwAR1B9cIjRjNyFmRJMekpluN98DU3X5RbK3ZGZvUica5ywHm-WE5UOnXRMQ#>>. Acesso em: 12 setembro 2024.

PITTY; MENDONÇA, M. **Desconstruindo Amélia**. [S.l.]: DeckDisc, 2009.

POLI, M. C. **Feminino/Masculino**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico**. 2º. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUINET, A. Entre o inconsciente e a cultura: o sujeito. In: TEPERMAN, D.; GARrafa, T.; IACONELLI, V. **Gênero**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. p. 65-82.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

REDAÇÃO INVESTNEWS. História do Instagram: como foi criada a rede. **InvestNews**, 2024. Disponível em: <<https://investnews.com.br/perfis-empresas/historia-do-instagram/>>. Acesso em: 03 junho 2024.

RICHTER, V.; YE, Z. Influencers' Instagram imaginaries as a global phenomenon: Negotiating precarious interdependencies on followers, the platform environment, and commercial expectations. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 30, p. 642-658, 2024. ISSN 1354-8565. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13548565231178918>>. Acesso em: 04 junho 2024.

ROCHA, B. C. C. **O feminino e a mulher na psicanálise: construções históricas e epistemológicas**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, 2022. 89 p.

RODRIGUES, J. Tudo o que você precisa saber sobre Redes Sociais. **Resultados Digitais**, 2024. Disponível em: <<https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais/>>. Acesso em: 30 abril 2024.

ROSADO, A. P. N.; POMPERMAYER, M. M.; TEIXEIRA, K. M. D. A questão do casamento e do divórcio analisados sob a ótica da inserção da mulher no mercado de trabalho. **XX CBED**, Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_05.pdf>. Acesso em: 29 outubro 2024.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. 2º. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VIANA, A. R. D. L.; LIMA, I. F. D.; SOARES, G. S. Informação e empoderamento feminino no Instagram: estudo a partir de coletivos feministas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, julho 2023. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/123530>>. Acesso em: 25 abril 2024.

WOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014 [1929].

ANEXO I – POSTAGEM @FEMINISMOEDUCATIVO



feminismoeducativo • Seguir

feminismoeducativo Concorda? Acrescentaria algo?

Uma ideia legislativa pra criminalização da misoginia está em votação no site e-cidadania, o link está nos stories.

Sugeridas nos comentários:

- combate à misoginia médica, violência obstétrica e ginecológica.
- Creches e escolas de qualidade com atividades no período da tarde.
- Licença menstrual.
- Responsabilizar sites de pornografia do material que é subido pra eles, pois existem estupros reais sendo publicados, e eles

3.332 curtidas
3 de março de 2023

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: INSTAGRAM. @feminismoeducativo. 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpU9OM3u1z3/?img_index=1>. Acesso em: 28 ago. 2024.

ANEXO II – POSTAGEM @FEMINISTA.UMA



The image shows a screenshot of an Instagram post. On the left is a photograph of a woman with blonde hair, Carol Dieckmann, wearing a bright yellow bikini. She is standing in front of green foliage. The Instagram interface is visible on the right, showing the post by @feminista.uma, a caption in Portuguese, and engagement metrics. A yellow text box is overlaid on the bottom left of the photo.

Carol Dieckmann usou as redes sociais para falar sobre os comentários etaristas recebidos nessa foto, postada em seu Instagram.

feminista.uma e outros 4

feminista.uma Via @filosofiafeminista1
"Eu sinto decepcionar, mas sim, a minha idade chegou. E com a minha idade chega junto todos os auges que eu ainda posso viver em cada nova fase. Eu continuo olhando no espelho e vendo a mulher incrível que eu sou. Cada vez que você ouvir 'a idade chegou', corrija a frase para 'o seu auge chegou', porque você precisa ver no espelho a mulher que tem uma trajetória incrível de conquistas e os auges que você ainda tem pela frente", completou a atriz.
@loracarola todo nosso apoio.

#etarismo #filosofiafeminista #feminismo
4 sem Ver tradução

8.169 curtidas
24 de julho

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: INSTAGRAM. @feminista.uma. 24 jul. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C90GBgjpP4R/?img_index=1>. Acesso em: 28 ago. 2024.

ANEXO III – POSTAGEM @MOVIMENTOCORPOLIVRE



corpolive

corpolive • Seguir
ingridguimaraes • Áudio original

corpolive No Festival de Toronto 2018, a atriz @hilaryswank foi convidada para um painel de bate papo. Uma mulher na plateia perguntou a ela sobre o episódio 13 da 5ª temporada de The Office, em que os personagens discutem se a atriz é ou não bonita.

Sendo muito assertiva Hilary respondeu o que todos já sabiam. Além de uma atriz sensacional vencedora de 2 Oscars (por Meninos não Choram e Menina de Ouro), também é uma mulher brilhante. ❤️

#hilaryswank #machismo #feninismo #culturadabeleza #corpolive

Editado · 4 sem Ver tradução

37.709 curtidas
31 de julho

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: INSTAGRAM. @movimentocorpolivre. 31 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C--eeJnpCte/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

ANEXO IV – POSTAGEM @SOMOSMULHERESPOSSIVEIS

Esse vídeo é um retrato da escravidão feminina! Não de romance!!!

chamei a ir, e essa foi a

Gente o povo achando o máximo

somensmulherespossiveis e outros 3
Áudio original

somensmulherespossiveis Desespero é o nome!!!
O que vc sentiu quando viu esse vídeo???

#psicologiafeminista #lynnchemaspsi #feminismo
#sobrecargafeminina

1 sem Ver tradução

6.929 curtidas
22 de agosto

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: INSTAGRAM. @somensmulherespossiveis. 22 ago. 2024. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C-GfMxePCS8/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.